

# Formação em Museologia no Brasil e conquistas democráticas: a politização dos alunos do Curso de Museus na transição das décadas de 1960 e 1970

236

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 8, n.º 16, Jul./ Dez. de 2019

Ivan Coelho de Sá<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v8i16.27323

## Resumo

No contexto das transformações internacionais provocadas pelos movimentos de Contracultura que repercutiram no campo da Museologia e reverberaram no Brasil, provocando, no antigo Curso de Museus-MHN, uma série de reformas conceituais que reavaliaram as tradicionais concepções de Museologia, a proposta deste artigo é fazer um recorte sobre a politização dos alunos na transição das décadas de 1960 e 1970. Para tanto, será feita uma narrativa recuperando a história e a memória de uma crise suscitada entre a direção do Curso e o Diretório Acadêmico, em 1968, que culminou com a expulsão de duas estudantes acusadas de subversão.

## Palavras-Chave:

Museologia. Curso de Museus. Movimento Estudantil. Diretório Acadêmico. Décadas de 1960 e 1970.

## Abstract

The purpose of this article is delimit a specific temporal section about the beginning of a political awareness of the students in the transition of 1960's to 1970's based on the context of the international transformations caused by the Contraculture movement that affected the Museology area and passed on Brazil, raising in the academic training of Museums Course, at the Historical Nacional Museum-MHN, a sequence of teoríc reforms that reevaluated the traditional concepts of Museology. A narrative will be made recovering the history and memory about the awaken of a crisis between the direction of the Course and the Academic Directory in 1968 wich caused the expulsion of two women students accused of subversion.

## Keywords:

Museology. Museums Course. Movement of Students. Academic Directory. 60's and 70's decades.

## Introdução

A construção da Museologia como campo disciplinar está associada às transformações conceituais deste campo, mas também às transformações da sociedade e da cultura no contexto geral. A proposta deste texto é fazer uma história e uma memória deste processo de transformação do campo da Museologia a partir de um recorte destacando a politização dos alunos do Curso de Museus, ocorrida na transição das décadas de 1960 e 1970, mais precisamente no período da gestão de Leo Fonseca e Silva como diretor do Museu Histórico Nacional (MHN), 1967-1970. Foi um período bastante movimentado em decorrência dos questionamentos suscitados no próprio campo da Museologia Internacional, cujas conquistas – francamente sintonizadas aos movimentos da

<sup>1</sup> Doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Contracultura – repercutiram no Brasil. O ‘vírus’ das contestações e rupturas se propagou de forma muito rápida em todas as áreas e atingiu principalmente os segmentos jovens. No cenário tradicionalista do Curso de Museus não foi diferente e as posturas autoritárias e conservadoras vão ser desconstruídas por uma série de medidas administrativas e acadêmicas, tais como propostas de transferência do Curso de Museus para uma Universidade e uma série de reformas na estrutura curricular que rompeu com os convencionais conceitos de museus e de Museologia e implantou uma nova concepção de Museologia.

O recorte da politização dos alunos foi extraído do tema “Formação em Museus no Brasil e conquistas da Sociedade Democrática: o caso do Curso de Museologia-UNIRIO”, apresentado no 4º Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), na Universidade de Brasília-UnB, em agosto de 2019. Ao trabalhar as reformulações curriculares realizadas ao longo da década de 1970, foi abordada a questão política ocorrida à época da gestão Léo Fonseca e Silva. As questões da década de 70 convergem para o projeto de extensão “Museologia e Memória: Rupturas e Transformações versus Conservadorismos nas décadas de 1960 e 1970”, apresentado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), para desenvolvimento neste ano de 2019. Por outro lado, este projeto de extensão dialoga com o projeto de pesquisa “Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil”, que tem como objetivo principal investir na pesquisa em fontes primárias para subsidiar a construção de uma história da Museologia, com ênfase nos processos de implantação e desenvolvimento da formação desta área no nosso país.

O caso específico da crise no Curso de Museus, em 1968, recupera parte importante da história do surgimento dos primeiros diretórios acadêmicos e da relação destes com a legislação imposta pela recém instalada Ditadura Civil Militar. A ideia é dar voz exatamente a um segmento pouco trabalhado, isto é, os estudantes de Museologia. E isto, numa época importante para o campo, mas ao mesmo tempo conturbada para as universidades, os professores e os estudantes.

A metodologia teve como base a análise de uma série de recortes de jornais organizados pela Prof<sup>a</sup>. Dulce Ludolf num *clipping* e que constitui sua coleção no NUMMUS<sup>2</sup>. São 27 artigos de jornais tratando exatamente do embate ocorrido no Curso de Museus entre o Diretor e os estudantes que compunham do Diretório Acadêmico. As informações foram analisadas e comparadas com outros documentos e jornais da época, bem como textos que tratam da repressão e dos movimentos estudantis no período dos regimes militares. Assim, este texto tem como finalidade apresentar uma síntese dos primeiros resultados desta análise documental, esperando que venha a abrir caminhos para outras pesquisas que tragam novos subsídios, tudo isto com o objetivo maior de contribuir com a construção de uma história da Museologia no Brasil.

## O Curso de Museus e a gestão Léo Fonseca e Silva

Em maio de 1967, assume a direção do MHN o Capitão de Fragata Léo Fonseca e Silva. Apesar da carreira militar, ativa, e de ser filho do General Hugo Silva, terem pesado na escolha, sua nomeação não teve o caráter de intervenção na medida em que Silva era museólogo formado pelo Curso de Museus em 1961. Sua indicação para o cargo fora feita pelo General Umberto Peregrino,

2 Núcleo de Memória da Museologia no Brasil. Escola de Museologia-CCH. UNIRIO.

professor de História do Brasil no Curso de Museus.

A gestão de Silva teve aspectos bastante positivos e, na época, representou perspectivas de mudanças e de rupturas com a Museologia barroceana apesar de ter sido estigmatizado por alguns aspectos folclóricos: portava sempre um bastão de comando de jacarandá com castão de ouro, ainda que usasse trajes civis (ternos escuros); todos no MHN – professores, técnicos e estudantes – deveriam se levantar diante dele e nos documentos oficiais concluía com uma antiga saudação que remontava ao século XVIII: “Deus guarde Vossa Senhoria”. Independentemente destes arcaísmos, conforme depoimentos informais de ex-alunos do Curso de Museus à época, como Auta Barreto, Marcia Ladeira Bibiani, Antonio Carlos de Carvalho, Maria de Fátima Castro Neves e Teresa Scheiner, dentre vários outros, Silva é considerado como uma espécie de iniciador de um processo de modernização do MHN e do Curso, principalmente pela disposição em investir nas mudanças e dar espaço de trabalho aos jovens, estudantes e recém-formados.

Dentre as iniciativas progressistas de Silva podemos destacar a reformulação expográfica do MHN, a ênfase nas atividades educativas, inclusive com ações extra-muros como o projeto “O Museu vai à Escola”, realizado por Auta Barreto e Célia Seabra em 1967. Além disso, ele investiu em um projeto pioneiro de criação do Museu do Folclore, ao qual incumbiu da direção o jovem recém-formado Aécio de Oliveira<sup>3</sup>, bolsista da Fundação Joaquim Nabuco de Recife, no Curso de Museus. No seu segundo ano de gestão no MHN foi autor de um projeto de regulamentação da profissão Museólogo (1968).

### **A Lei 4.464 e o Diretório Acadêmico do Curso de Museus**

Oito meses após o Golpe Civil Militar foi sancionada a Lei n.º. 4.464, de 09-11-1964, que dispôs sobre as Representações Estudantis, antecedendo, em mais de um ano, à Lei sobre o Estatuto do Magistério Superior, certamente porque as organizações acadêmicas, pelo seu potencial de mobilização, representavam um problema maior ao Regime Militar e a regulamentação dos Diretórios Acadêmicos deveria ser institucionalizada com a maior brevidade possível. Em 1966, sob a coordenação de Nair de Moraes Carvalho, foi elaborado um novo regimento para o Curso de Museus visando atualizar suas normas em relação à nova legislação. O capítulo 12 tratou especificamente das finalidades do Diretório Acadêmico (DA), transcritas integralmente da Lei 4.464:

- a) Defender os interesses dos estudantes; b) promover a aproximação e a solidariedade entre o corpo discente, docente e Administrativo do estabelecimento; c) preservar as tradições estudantis, a probidade da vida escolar, o patrimônio moral e material da instituição e a harmonia entre os organismos de sua estrutura; d) organizar reuniões e certames de caráter social, cultural, científico, técnico, artístico e desportivo, visando à complementação e ao aprimoramento da formação universitária; e) manter serviços de assistência aos estudantes carentes de estudos no estudo; f) realizar intercâmbio e colaborar com entidades congêneres; e g) **lutar pelo aprimoramento de instituições democráticas.** (Grifo nosso)

3 Ingressou em 1967 e concluiu em 1969.

O Regimento de 1966 também se prontificou em atualizar as normas para eleição do Diretório Acadêmico, bem como os deveres e as sanções, inclusive para os alunos que não votassem. O voto era obrigatório, ficando privado de prestar prova parcial ou final, o aluno que não comprovasse ter participado da votação ou justificado a ausência por meio de comprovante de doença ou outro motivo de força maior. Além disso, as manifestações de cunho político-partidário e greves eram totalmente proibidas. Na realidade, a Lei 4.464 evitara citar o termo greve, substituindo-o pelo eufemismo “ausências coletivas” e o Artigo 60, do Regimento do Curso de Museus, reproduziu, na íntegra, o Artigo 14: “É vedada aos membros do Diretório Acadêmico qualquer ação, manifestação, ou propaganda de caráter político-partidário, bem como incitar, promover ou apoiar ausências coletivas aos trabalhos escolares”.

Pouco mais de dois anos depois de sua publicação, a Lei 4.464 foi reformulada pelo Decreto-Lei 228, de 28-02-1967, que tratou da organização das representações estudantis de forma muito mais contundente. A preocupação em inibir a classe estudantil, um dos principais setores de oposição à Ditadura, ficou evidenciada com a reestruturação do alcance de suas representações, prevenindo-se, inclusive, a suspensão e dissolução dos Diretórios Acadêmicos que não se adequassem às normas. Logo no início, na primeira das finalidades, percebe-se o caráter restritivo: “a) defender os interesses dos estudantes, **nos limites de suas atribuições**” (grifo nosso). É um verdadeiro sinal de alerta para os estudantes se restringirem às atividades “de caráter social, cultural, científico, técnico, artístico e desportivo”.

No início da gestão, Silva manteve relações muito amistosas com os estudantes que viam de maneira positiva o fato de um ex-aluno, museólogo, tornar-se diretor do MHN e do Curso de Museus. Na cerimônia de posse houve uma simpática homenagem ao novo diretor que recebeu uma placa da representante dos alunos calouros, Márcia Silveira<sup>4</sup>, com os dizeres: “Ao museólogo/ Léo da Fonseca e Silva, /primeiro Diretor do Museu/ diplomado nesta Escola, / homenagem dos/ primeiranistas de 1967”<sup>5</sup>.

Ao que parece havia uma predisposição de Silva em se chegar aos alunos e manter uma relação cordial. No entanto, não podemos perder de vista sua formação militar e a visão muito calcada em uma rígida disciplina que o levava a ver com desconfiança o Diretório Acadêmico e a postura de autonomia que seus membros assumiam. Isto era perfeitamente compreensível do que se esperava de um DA, mas deveria incomodá-lo e ferir seus brios militares. Assim, houve uma aproximação de Silva aos alunos não atuantes do DA, ou seja, a aqueles que não estavam engajados ao Diretório. Seu tino de estrategista levou-o a pensar em um mecanismo que pudesse esvaziar o DA, por meio de uma outra agremiação que aglutinasse os jovens, mas sem possibilidade de envolvimento em contestações. Certamente, isto contrariava o perfil de consciência social e de engajamento do jovem dos anos 60 e 70, a geração que viu a insurreição dos estudantes no movimento conhecido como Maio de 68, que mobilizou milhares de universitários em Paris e contagiou a França e todo o mundo.

4 Ingressou em 1967 e concluiu em 1969.

5 Coleção Leo Fonseca e Silva, NUMMUS, CCH/UNIRIO.



Fig. 1 – Posse de Leo Fonseca e Silva. Homenagem dos alunos do 1º ano. (Coleção Márcia Bibiani)

Mesmo antes de Maio de 68, a questão estudantil estava na ordem do dia no Brasil. Em 28 de março deste mesmo ano, o líder estudantil Edson Luís de Lima Souto foi assassinado pela Polícia Militar durante uma manifestação contra a alta do preço das refeições, do Restaurante Central dos Estudantes. Conhecido como Calabouço, este restaurante ficava muito próximo ao MHN, motivo pelo qual este episódio deve ter ficado muito vivo na memória dos alunos do Curso de Museus. Foi o primeiro estudante vítima da Ditadura e seu velório, enterro e missa de sétimo dia provocaram intensas manifestações que comoveram todo o país, culminando com a Passeata dos Cem Mil, no dia 26 de junho, já sob os impactos das manifestações dos estudantes de Paris. Organizada pelo movimento estudantil, a passeata contou com a participação de políticos, artistas, intelectuais, jornalistas e inúmeros outros segmentos da sociedade. Concentrou-se, inicialmente, na Cinelândia, depois desceu a Rio Branco e passou pela Candelária – onde houve um inflamado discurso do líder estudantil Vladimir Palmeira – seguindo em direção à Assembleia Legislativa, na Rua Primeiro de Março, onde terminou sempre controlada por um ostensivo aparato militar.

O Curso de Museus, em 1968, deveria ter pouco mais de 100 alunos matriculados. Sua duração era de três anos e não havia ainda o sistema de créditos. Excetuando-se os trancamentos, em 1966 foram 18 matrículas, 14 mulheres e 4 homens; em 1967, 42 matrículas, 29 mulheres e 13 homens; e em 1968, 53 matrículas, 39 mulheres e 14 homens (Sá; Siqueira, 2007: 264). Este quantitativo pode ser considerado reduzido se compararmos ao número de alunos matriculados hoje<sup>6</sup>, mesmo assim, era suficiente para causar apreensão em Leo Fonseca e Silva. Desde a criação do Curso, na década de 30, havia predominância maciça das mulheres e uma incidência maior de jovens. A partir dos anos 60, os jovens inscritos tendem a crescer, predominando idades entre 18 e 25 anos. Talvez não tanto o quantitativo, mas exatamente o potencial jovem canalizado para uma natural capacidade de questionamento e de articulação tenha despertado o receio em Silva. Mesmo porque os tempos eram favoráveis à contestação jovem. O movimento *hippie* já se disseminava por todo o mundo pregando atitudes iconoclastas contra os valores tradicionais impostos por toda uma ordem eco-

6 Atualmente a Escola de Museologia possui 434 alunos: 334 no Integral e 100 no Noturno.

nômica, política, social e cultural.

Consonante com a visão reacionária da época, sobretudo nos setores militares, esta capacidade que os estudantes tinham de se mobilizar deveria ser anulada. Em termos práticos isto equivalia a neutralizar as ações do Diretório Acadêmico do Curso de Museus, legalmente instituído desde o Regimento de 1966. Para tanto, Silva pensou em uma instância paralela que fosse refratária à atuação política. Assim, ele incentivou a criação de uma espécie de grêmio, como se dizia então, para aglutinar os alunos e promover intercâmbio e atividades puramente culturais, centradas na Museologia, mas desfocadas de questões políticas. Com a denominação Centro de Estudos Museológicos (CEM), esta agremiação foi instalada em junho de 1967, pouco mais de um mês após a posse de Silva e teve como primeiro presidente o então aluno do primeiro ano, Antônio Carlos de Carvalho. A cerimônia de instalação ocorreu na Sala de Conferências com a presença do diretor, da coordenadora do Curso de Museus recém empossada, Sigrid Porto de Barros, dos professores Nair de Moraes Carvalho, que acabara de deixar a Coordenação, Octávia Corrêa dos Santos Oliveira e Mário Barata, além do museólogo Alfredo Russins, representante do então DPHAN<sup>7</sup>.

O CEM teve uma atuação importante na medida em que promoveu várias atividades, como palestras, cursos e publicações. A revista *Nova Pesquisa – Museologia*, “Órgão do Centro de Estudos Museológico e dos Alunos do Curso de Museus”, teve o primeiro número lançado em julho de 1971, quando Silva já havia sido afastado da direção do MHN. A publicação se propunha a ser trimestral, mas não sabemos se houve continuidade. Os redatores eram os ex-alunos, recém-formados, Reginaldo Rodrigues Guimarães<sup>8</sup> e Edwaldo Pita Santos<sup>9</sup>; bem como Artur Tavares Machado, também museólogo, graduado em 1963.

A revista tinha representantes na Bahia e em São Paulo e o endereço da redação era o do próprio MHN. Apresentava as seções Folclore, Comunicação, Armaria, Estética, Cinema, Estética Literária e Crítica Histórica. Dentre os artigos, podemos destacar: Rumos dos Museus de Arte (Walmir Ayala), Museus do Estado da Guanabara e Relação dos Museus da Bahia; Estética do Cinema Glauberiano (Edwaldo Pita), À Margem da Canção do Exílio (Aurélio Buarque de Holanda), Cuidados com a Proliferação de Museus, Arquitetura do Museu e Criação de Museu, além de uma entrevista com Carlos Eduardo da Rocha, diretor da Fundação dos Museus do Estado da Bahia, “sobre alguns problemas da Museologia”.

A opção em tratar os aspectos técnicos e culturais da Museologia fica clara, com ênfase num viés que privilegia Educação, Ciência e Tecnologia, mas ignorando sua função política e social, numa flagrante contramão do que estava sendo discutido no momento, pelo ICOM, em Grenoble (1971), em relação ao papel social dos museus que seria estendida à realidade da América Latina e do mundo, na Mesa Redonda de Santiago (1972). Esta alienação fica clara logo no início do Editorial, constando, inclusive, uma citação do político equatoriano Galo Plaza<sup>10</sup>, então secretário da Organização dos Estados Americanos, que defendia a revolução cultural para fazer frente à ideia de luta armada, realidade de vários países latino-americanos à época, como Argentina e Peru<sup>11</sup> que, como o

7 Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

8 Ingressou em 1967 e concluiu em 1969.

9 Ingressou em 1968 e concluiu em 1970.

10 Galo Plaza Lasso (1906-1987).

11 Depois, ao longo da década de 70: Uruguai e Chile (1973), República Dominicana (1978) e Nicarágua (1979).

## Brasil, amargaram as arbitrariedades de uma Ditadura Militar.

Todos os países em desenvolvimento, como o nosso, traçaram novos rumos na sua programática ascensional. Começaram a observar, com realismo, que somente a planificação antecipada conduz à verdade no tempo e no espaço. Já estava tardando. Precisávamos encarar os fatos com base na terra firme. Daí a afirmação de Galo Plaza [...] de que “a verdadeira revolução da América Latina se fará nos campos da educação, da ciência e da tecnologia”. Dentro deste conceito, a museologia firmou-se como auxiliar de primeira grandeza. Ninguém melhor do que ela para expor, para interessar e criar no espírito do povo e do estudante uma mentalidade construtiva. (*Nova Pesquisa*, 1971: 3).

Ao final, o Editorial reitera a finalidade cultural da revista, exorta o idealismo de Gustavo Barroso e faz uma chamada nacionalista como se a ‘função cultural’, apolítica, fosse essencial à Museologia, provavelmente numa crítica aos que se colocavam politicamente:

Desejando participar, resolvemos com um esforço enorme, editar esta publicação. Esperamos que os idealistas, como nós, compreendam a finalidade cultural e patriótica de *Nova Pesquisa*. Não é tudo, mas já diz alguma coisa. Estamos seguindo, no Brasil, os vigorosos passos de Gustavo Barroso e de muitos outros heróis anônimos. Isso mesmo. (*Nova Pesquisa*, 1971: 5)

### O embate Direção versus Estudantes

A despeito das ideias de renovação propostas por Leo Fonseca e Silva para o MHN e para o Curso de Museus, em pouco mais de um ano de gestão as relações começaram a ficar tensas entre ele e os alunos em decorrência de uma série de medidas que se acentuaram no decorrer do ano de 1968: presença constante de policiais federais nos espaços dos museus, contratação de profissionais não museólogos para trabalhar no MHN, aulas aos sábados, cobrança de taxa de matrícula, obrigatoriedade de participação dos alunos em solenidades cívico-militares etc.

O Diretório Acadêmico<sup>12</sup> que assumiu em 1968 tinha como presidente Sonia Rosadas Thème, caloura e como vice-presidente, Heloisa Maria Galvão<sup>13</sup>, do 2º ano. Também faziam parte Maria de Lourdes Naylor Rocha<sup>14</sup>, a Lourdinha; Gilberto Ballalai<sup>15</sup>, ambos ingressantes em 1967, e Janet Chermont Guimarães que reingressara, após trancamento, exatamente neste ano de 1968. Na impossibilidade de falarmos de todos eles, nos limitaremos a informar alguns dados referentes as duas protagonistas deste triste episódio que passaremos a narrar: Sonia e Janet.

12 O Diretório Acadêmico Gustavo Barroso foi criado em agosto de 1959. Em 16 de março de 1965 foi reformulado conforme a Lei 4.464.

13 Ingressou em 1967 e concluiu em 1969.

14 *Idem*.

15 Gilberto Ballalai Filho, 22 anos. Cursou o 1º ano, mas não obteve média e não retornou no ano seguinte.

Sonia Rosadas Thème tinha 18 anos ao se matricular, a 6 de março de 1968. Residia no Grajaú e havia realizado o 1º e o 2º graus, primário e ginásial, no Instituto de Educação (1957-64) e o 2º grau, antigo clássico, no Colégio de Aplicação (1965-67), provavelmente da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), então localizado na Rua Hadock Lobo, na Tijuca. No vestibular do Curso de Museus foi aprovada em 13º lugar, entre 129 candidatos. Apesar das dificuldades que enfrentou, conseguiu concluir o primeiro ano, obtendo boas médias em Técnica de Museus, Etnografia, História do Brasil Colonial e História da Arte, menos em Numismática, disciplina com a qual deveria ter pouca identificação.

Janet Chermont Guimarães ingressara no Curso de Museus, também com 18 anos. Sua matrícula data de 10 de março de 1964, 21 dias antes do Golpe. Residia em Copacabana onde cursara o ginásial no Colégio Mallet Soares, concluindo-o em 1960. O clássico foi feito parte no Mallet Soares, 1961-62, e parte no Educandário Rui Barbosa, no Largo do Machado, onde o concluiu em 1963. No vestibular do Curso de Museus ficou em 6º lugar entre 22 aprovados. Na prova de Língua Estrangeira-Francês, obteve grau 10,0, pois havia feito curso desta língua na Universidade Católica de Paris, entre janeiro e março de 1962 (*Correio da Manhã*, 2º caderno, 1962: 4). No 1º ano ficou em dependência na disciplina Etnografia, mas fez nova prova e acabou passando nos exames. O 2º ano, em 1965, ficou inconcluso e ela deveria repeti-lo, mas solicitou trancamento em 4 de abril de 1966. Reabriu matrícula no 2º ano em 1968, exatamente no ano em que houve o episódio de sua suspensão.

Feitas as ‘apresentações’, passaremos a narrar a história que causou inquietante crise no Curso de Museus, provavelmente a primeira das suas quase quatro décadas de funcionamento. Em 24 de setembro de 1968, uma terça-feira, Sonia Thème foi surpreendida pelo diretor Leo Fonseca e Silva colando cartazes sobre atividades e manifestos do DA nos corredores adjacentes às instalações do Curso de Museus. Um destes cartazes criticava a VIII Conferência de Exércitos Americanos (CEA) que havia iniciado na véspera, na Escola de Comando do Exército, na Praia Vermelha, e iria se estender por uma semana, até o dia 30 de setembro. Nesta conferência, participariam militares representantes de 17 países americanos, inclusive 3 delegados dos Estados Unidos, com o objetivo de investir na “eficiência militar dos Exércitos Americanos, principalmente contra a Guerra Revolucionária”, ou seja, um intercâmbio visando informações para o combate à chamada subversão na América Latina. Ao final da conferência, ficou evidente o apoio dos Estados Unidos na repressão aos “movimentos guerrilheiros e focos de subversão” (*Correio da Manhã*, 1968: 1).

A informação de que o cartaz que contestava a VIII CEA foi o ‘pivô’ da crise apareceu em uma fala do próprio Comandante Leo, em matéria do *Correio da Manhã*, intitulada “DOPS prende dois alunos no Museu”, de 1º de outubro: “Segundo a direção do Museu, os protestos tiveram início na semana passada, por ocasião da reunião dos exércitos americanos, na Praia Vermelha. **A aluna Sonia Rosado Stheme (sic), presidente do diretório, foi acusada de colar cartazes de protesto contra aquele encontro.**” (*Correio da Manhã*, 1968, grifo nosso). A posição do DA em debater sobre esta conferência era perfeitamente justa considerando o direito inalienável de livre expressão, sobretudo no ambiente universitário, mesmo porque, todos sabiam que o combate a “focos de subversão” atingiria em cheio o movimento estudantil.

Para Silva, fundamentado na Lei 4.464, que proibia manifestações políticas aos DAs, Sônia Thème estava infringindo estas disposições e a suspendeu

por 20 dias. No dia seguinte (25/09), os alunos realizaram assembleia geral para analisar o caso e, como protesto, decidiram entrar em greve a partir da quinta-feira, caso insólito na história do Curso de Museus até então. Na sexta-feira (27/09), Sonia foi ao MHN e ao vê-la, Silva considerou sua presença um desrespeito e a suspendeu por mais 10 dias. Seus colegas foram reclamar pela nova suspensão, dentre eles, Janet Chermont Guimarães, e esta, acusada de insuflar os alunos, também foi suspensa por 10 dias. Na manhã do dia seguinte, sábado, Janet foi ao MHN e foi “recebida aos gritos” pelo diretor alertando-a de que estava suspensa e proibida de entrar no Museu. A estudante foi agarrada por três agentes federais e conduzida à força ao gabinete da direção onde ficou detida sob vigilância de dois policiais. O diretor mandou fechar a entrada principal do Museu, a Porta da Minerva. A Polícia Militar foi acionada e enviou Jipe com quatro policiais para montar guarda à frente do prédio. No interior, foi distribuído grande número de policiais federais, sobretudo nos corredores próximos ao Curso de Museus. Os alunos que haviam tentado socorrer a colega da violência dos policiais foram forçados a entrar nas salas de aula de onde não puderam sair, sob ameaças do diretor de que, se necessário, iria fazer novas suspensões “para manter a disciplina”. Após ficar detida por mais de uma hora no gabinete, Janet foi liberada e conduzida à saída, “aos empurrões”, pelos policiais. Diante da truculência dos policiais, os colegas acompanharam-na para protegê-la e certificarem-se de que ela sairia a salvo.

O caso teve imediata repercussão nos jornais, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Última Hora*, *Correio da Manhã* e *Jornal dos Sports*, dentre outros, que passaram a fazer uma cobertura quase diária dos desdobramentos. A pauta estudantil estava em alta desde o assassinato de Edson Luiz e a Passeata dos Cem Mil, apenas seis meses antes. No início as notícias são divulgadas em notas curtas e trazem algumas informações desencontradas, como estas do *Jornal do Brasil* e da *Última Hora*, datados de 28 de outubro, dia seguinte à deflagração da crise:

O comandante Leo da Fonseca e Silva, diretor do Museu Histórico, dia a dia confirma sua total inaptidão para as funções que em má hora lhe foram confiadas. Os alunos do curso de Museologia estão sem paciência para o teor de agressividade que o diretor lhes vota.” (*Jornal do Brasil*, Coluna Lance-livre, 1968).

Os alunos da Faculdade de Museologia da UFRJ<sup>16</sup> entraram em greve ontem protestando contra o ato do diretor, o Capitão-de-Fragata Léo Fonseca da Silva, que suspendeu o presidente<sup>17</sup> do Diretório Acadêmico. Ontem, o diretor ao ver o aluno suspenso na escola, expulsou-o da sala de aula, aumentou sua suspensão para 30 dias e ameaçou bater em algumas moças com o seu bastão. Os estudantes fazem assembleia geral esta manhã. (*Última Hora*, 1968).

No dia 29, o *Jornal do Brasil* já estampa uma matéria de página inteira, “Comandante Leo ajuda policiais a agredir alunas”:

Os alunos do curso de Museologia, do Museu Histórico Nacional, ficaram presos ontem em suas salas, por ordem do seu diretor, o capitão-de-fragata Léo Fonseca e Silva, enquanto três agentes fede-

16 Desde 1951, a Universidade do Brasil/UFRJ conferiu Mandato Universitário ao Curso de Museus.

17 Na verdade, a aluna Sonia Rosadas Thème, presidente do DA.

rais agarravam e empurravam a aluna Janete Guimarães. Os alunos tentavam libertar a colega, suspensa anteontem pelo diretor, “por desacato”. O capitão-de-fragata [...] vem travando uma verdadeira guerra com os alunos, e na sexta-feira **chegou a fazer uso do seu bastão de comando, que não larga, contra a aluna Sônia Theme, presidente do Diretório Acadêmico**, também suspensa. [...] Embora o Diretório do curso, que é de nível superior, siga uma linha moderada, limitando-se quase a reivindicações específicas, o diretor tenta sempre impedir a sua ação, tachando-o de “subversivo”. Na terça-feira foi suspensa por 20 dias a presidente do Diretório, a aluna Sônia Theme, sob a acusação de “indisciplina”. Os alunos afirmam que [...] Léo Fonseca e Silva considera “indisciplina” os cartazes sobre as atividades normais do Diretório afixados no corredor da Escola. Como na sexta-feira a aluna suspensa foi à Escola, o diretor resolveu suspendê-la por mais 10 dias. Os colegas reclamaram da nova suspensão, entre eles Janete Guimarães, que acabou também sendo suspensa por dez dias. Janete resolveu ir ontem ao curso **sendo agarrada e empurrada por três agentes federais, de serviço no Museu, que a conduziram à força ao gabinete do diretor, onde ficou praticamente detida**. O portão de entrada do curso já estava fechado e na frente do prédio o jipe 4-126 da Polícia Militar permanecia estacionado com quatro policiais. Enquanto isso, os alunos que tentavam socorrer Janete eram forçados por outros policiais a entrarem em suas salas, de onde só puderam sair após ouvir do diretor ameaça de que continuará suspendendo alunos, se necessário, “para manter a disciplina”. Mais tarde, Janete Guimarães muito nervosa, também foi libertada. Todos os alunos estão revoltados, mais ainda não decidiram que atitude tomar, diante da nova situação. [...] Os alunos acusam o diretor de “militarizar a Escola” promovendo “solenidades [...] sem largar seu bastão de comando, o capitão-de-fragata [...] disse ontem que não fazia “papal de palhaço” aceitando as reivindicações do Diretório Acadêmico, pois “tudo é causado por experientes agitadores infiltrados”. “Em matéria de autoridade não transijo. Estou em condições morais de exigir — acrescentou — e as punições estabelecidas serão mantidas”. (*Jornal do Brasil*, 1º Caderno, 1968: 32, grifo nosso)



Fig. 2 – Jornal do Brasil (Coleção Dulce Ludolf)

Na segunda-feira, pela manhã, 30 de setembro, em frente ao museu, houve nova assembleia dos alunos para discutir sobre as duas suspensões. Nesta altura, os alunos já haviam se articulado com outros DAs, pois Gilberta Aarão Reis<sup>18</sup>, aluna do Curso de Filosofia da UFRJ participou da reunião. Em dado momento, ela e Gilberto Ballalai, ameaçados pelos policiais que os perseguiram, entraram no ônibus 415 Usina-Leblon para se esquivarem. Com armas em punho, os policiais retiraram os alunos do ônibus e os conduziram “numa caminhoneta” ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), sob os protestos dos colegas que participavam da assembleia. O diretor permaneceu em seu gabinete, mas Diógenes Guerra, coordenador do Curso, entrevistou e eles foram liberados na tarde deste mesmo dia.

Os estudantes Gilberto Balalai, da Escola de Museologia, e Gilberta Aarão Reis, da Escola de Letras da UFRJ, foram presos na manhã de ontem por agentes do DOPS em frente ao Museu Histórico Nacional...foram colocados na caminhoneta 6.232 do DOPS, apesar dos protestos e da resistência de outros alunos que estavam reunidos na calçada em frente ao Museu Histórico Nacional, depois de expulsos de suas dependências pelo Coordenador da Escola de Museologia, Sr. Diógenes Rodrigues (sic) Viana<sup>19</sup>. O diretor do Museu, capitão-de-fragata Léo Fonseca e Silva, não saiu do seu gabinete durante o incidente. [...] A crise na Escola decorre da insistência do diretor do Museu – que também dirige o Curso – em não reconhe-

18 Gilberta Aarão Reis Acselrad, irmã de Daniel Aarão Reis (historiador, professor titular da Universidade Federal Fluminense), importante líder estudantil que participou da luta armada.

19 Diógenes Vianna Guerra.

cer as atividades do Diretório Acadêmico e culminou na semana passada com a suspensão das alunas Sônia Teme (sic), presidente do diretório, e Janete Guimarães<sup>20</sup>, esta última também agredida na sexta-feira por três agentes federais. Os alunos da Escola de Museologia, como já vem acontecendo há alguns dias, encontraram ontem fechado o portão principal de acesso ao prédio. Um choque da Polícia Militar, às 8 horas, já estava na Praça Marechal Âncora. O coordenador da Escola, Sr. Diógenes Rodrigues Viana (sic), pouco depois convidou os alunos a entrarem no Museu por uma porta lateral, onde já estavam cerca de 20 agentes federais. Fêz então uma proposta – dizendo ter recebido plenos poderes do capitão-de-fragata Léo Fonseca e Silva – de tornar sem efeito a suspensão das duas alunas, em troca da dissolução do diretório. A proposta foi recusada por todos os alunos presentes. Visivelmente contrariado, o coordenador não quis debater as propostas apresentadas pelos alunos. [...] Quando os alunos saíram, encontraram na calçada em frente ao Museu cerca de 20 agentes federais e do DOPS e as caminhonetas da Guarda Civil (146) e do DOPS (6.232). Quando o aluno Gilberto Balalai tentou atravessar a rua, alguns agentes correram atrás. Ele entrou num ônibus da linha Usina-Leblon, sendo acompanhado por outros colegas. Alguns agentes do DOPS também entraram no ônibus e, apesar da resistência dos jovens, acabaram prendendo o estudante e também Gilberta Aarão Reis, da Escola de Letras da UFRJ, embora esta afirmasse que estava apenas passando pelo local à procura de uma amiga. [...] Com a intervenção do professor George Viana Guimarães<sup>21</sup> (sic), Gilberto Balalai e Gilberta Aarão Reis foram liberados à tarde. Prestaram esclarecimentos em uma sindicância aberta ontem pelo DOPS, que concluiu não haver nenhuma conotação ideológica no movimento dos estudantes de Museologia. (*Jornal do Brasil*, 1968).

O caso específico desta crise no Curso de Museus acaba nos levando a perceber a divergência de opiniões que havia entre os jornais da época, pró ou contra a Ditadura Militar, independentemente das posições ambíguas que tenham vindo a assumir em vários momentos deste período. Esta discordância pode ser apreendida no tom conferido ao caso: o *Jornal do Brasil* expõe abertamente o autoritarismo do diretor, e *O Globo*, mais conciliador, tentando amenizar a truculência infligida aos estudantes e oferecendo espaço ao diretor para que ele desse sua versão ‘oficial’ dos fatos:

O diretor do Museu Histórico Nacional, Capitão-de-Fragata Léo da Fonseca e Silva, disse ontem a O GLOBO que **não tem fundamento as notícias veiculadas por um matutino, segundo as quais ele teria auxiliado policiais na “agressão” à aluna do Curso de Museologia, Janete Guimarães, suspensa por 20 dias por indisciplina. Afirmou que a jovem não foi agredida e que os policiais somente procuraram evitar que ela desse continuidade a um escândalo que armara nos corredores do Museu, tentando insuflar seus colegas contra**

20 Janet Chermont Guimarães.

21 Diógenes Vianna Guerra.

**a punição que recebera.** O Sr. Léo Fonseca e Silva informou ainda que tendo sido suspensa por indisciplina, a aluna Janeta (sic) Guimarães estava também proibida de frequentar o Curso, insistindo porém em fazê-lo. Foi reconhecida por funcionários do Museu, que tentaram impedi-la de entrar na sala de aula, momento que ela aproveitou para fazer o escândalo. Salientou o diretor do MHN que, **diante dos abusos que estavam sendo cometidos pela aluna,** mandou que ela fosse afastada dos demais alunos, para evitar maiores problemas. A jovem – frisou – foi levada para o seu gabinete, **sem que ninguém sequer a tocasse.** Enquanto ali ficou, as portas permaneceram abertas, exatamente para evitar especulações. **“Quanto à tal agressão de que falam – disse o diretor – não passa de invencionice de pessoas interessadas em tumultuar os fatos. Os policiais de serviço no Museu não receberam nenhuma ordem nesse sentido e jamais tentariam semelhante atitude”.** Disse o Comandante Léo que, enquanto ela permanecia em seu gabinete, êle procurou os outros alunos, na sala de aula, onde estavam em companhia de dois professores, para informar-lhes que se a aluna deixasse o Museu não seria agravada a punição, como prometera, em caso de ela insistir em frequentar a aula. Passado algum tempo, informou, Janete decidiu retirar-se e o caso foi dado por encerrado. Portanto, finalizou, **o noticiário ontem publicado não tem o menor fundamento, quanto às acusações sobre agressão ou coação aos alunos.** (*O Globo*, 1968, grifo nosso).

Nos próximos dias, a situação que já estava muito tensa, agravou-se com a intransigência e o recrudescimento do diretor que decidiu afastar Sonia Thème da presidência do DA, desligá-la definitivamente do Curso e dissolver todo o Diretório. Os estudantes convocaram nova assembleia no dia 1º de outubro e decidiram corajosamente não acatar estas medidas. A crise já vinha sendo veiculada em vários jornais e os alunos aproveitaram para apresentar suas reivindicações e denunciar as “atitudes militaristas” do diretor. Diante da ampla divulgação do caso, Silva argumentou que o anúncio de dissolução fora um mal-entendido do coordenador, mas não mudou de ideia quanto às suspensões e propôs revertê-las se houvesse, em troca, a renúncia de todo o DA. Os estudantes recusaram e a questão foi levada à Congregação em reunião do dia seguinte, 2 de outubro, com a participação do diretor, de 15 professores e 3 alunos: He-loisa Galvão, Maria de Lourdes Naylor Rocha e Reginaldo Rodrigues Guimarães, todos do 2º ano. Os alunos insistiram em defender a permanência de Sonia Thème no cargo de presidente do DA e aproveitaram para se colocar contra várias atitudes de Silva, como a contratação de profissionais não museólogos para cargos técnicos da área de Museologia e reivindicaram um movimento do MHN em favor da regulamentação da profissão.



Fig. 3 – *Correio da Manhã* (Coleção Dulce Ludolf). Na janela do ônibus, Janet Chermont; na porta, Sonia Thème (de frente) e Heloísa Galvão (de lado).

No dia seguinte houve nova reunião, desta vez entre professores e estudantes. Diógenes Guerra, que até o momento havia feito a intermediação entre os alunos e o diretor, renunciou ao cargo de coordenador por se desentender com Silva. O diretor alegara que o Professor Guerra havia ameaçado o Diretório de dissolução sem sua autorização e pediu um voto de confiança aos professores. Os alunos condicionaram o apoio se a suspensão das alunas fosse anulada e reivindicaram medidas “liberalizantes”. Com a demissão do coordenador, Silva ficou à vontade para resolver a crise, entretanto, manteve-se irredutível exigindo que todo o DA renunciasse. As alunas continuaram proibidas de entrar nas dependências do Museu e as aulas foram suspensas por dois dias (sexta e sábado, 4 e 5 de outubro), a despeito da greve que já corria desde o dia 24, por deliberação dos estudantes.

A crise continua a merecer a atenção da mídia. No artigo “Crise na Museologia já deu uma demissão”, o *Jornal dos Sports*, de 4 de outubro, registra a fase final do embate:

A crise que abala o Curso de Museologia, do Museu Histórico Nacional tomou novos rumos, a partir da reunião de ontem, entre alunos e professores, culminando com o pedido de renúncia do coordenador Diógenes Viana, devido a um desentendimento com o diretor que o acusa de ter ameaçado o diretório sem a sua autorização. A suspensão da presidente do DA, Sônia Theme, e de sua colega Janete, foram mantidas pelo diretor Léo Fonseca e Silva, que ao mesmo tempo, pediu um voto de confiança aos alunos e espera o reinício das aulas para segunda-feira. A greve dos alunos continua. No que diz respeito à autonomia do DA o diretor frisou que não discute o problema, “apesar de não poder voltar atrás na punição à presidente do DA que, “no entanto ainda continua no cargo que lhe foi conferido”. Quanto ao pedido de demissão do coordena-

dor, que também é professor de Arqueologia, o diretor salientou que “êle continuará em suas funções de professor”. A entrega do cargo por parte do professor Diógenes Viana tem como principal motivo a anunciada dissolução do diretório acadêmico, feita pelo coordenador em nome do diretor, que diz não tê-lo autorizado. Se por um lado o diretor obteve o apoio dos professores, ainda é uma incógnita se conseguirá o voto de confiança pedido aos estudantes. Para muitos alunos o apoio ao diretor só será dado com a anulação das suspensões de seus colegas. Para o diretor “manter a suspensão é uma questão de princípios”. Outros alunos pedem que o diretor adote medidas liberalizantes, tais como a permissão para afixar cartazes e liberdade de reunião para o DA o que só é permitido nos intervalos das aulas. (*Jornal dos Sports*, 1968).

Na sexta-feira, 5 de outubro, houve uma reunião decisiva entre a direção e os alunos. O desgaste era imenso de ambos os lados, sobretudo para o diretor que voltou atrás e permitiu o retorno das alunas suspensas às aulas, mas a frequência não poderia ser contada e elas não poderiam participar do DA neste período. Os alunos aproveitaram esta reunião para reiterar a reivindicação pelo reconhecimento da profissão. O saldo positivo para eles consistiu na manutenção do DA, ponto de honra. Por outro lado, a capitulação de Silva foi apenas estratégica, na verdade o destino das duas alunas ‘subversivas’ já estava traçado, seria apenas uma questão de tempo.

Um dos recortes do *clipping* da Coleção Dulce Ludolf, sem identificação do jornal, mas certamente datado do dia 6 de outubro, traz informações sobre o término da crise, o retorno à ‘normalidade’ e divulga uma importante fala dos estudantes colhida do manifesto que divulgaram. As poucas falas demonstram o quanto eles haviam amadurecido com o episódio e também a consciência que tinham de seus direitos, inclusive da “livre manifestação do pensamento”.

Os alunos do Instituto (sic) de Museologia do Museu Histórico Nacional anunciaram ontem sua volta às aulas, após greve de mais de uma semana apontando como um de seus erros, “na condução da greve e das reivindicações”, o fato de terem pretendido tomar parte ou partido nas decisões do corpo docente. “Somos estudantes e os nossos problemas e as nossas decisões devem partir exclusivamente de nós, a partir de nossas reivindicações” – afirmam os estudantes, observando que “a prova de nossos erros foi o cansaço gerado pelas reuniões demoradas e diálogos desgastantes, o que resultou no esvaziamento da greve”. [...] Diz ainda a nota dos estudantes: **“Voltamos às aulas para nos unirmos, para nos fortalecermos e para continuarmos na luta pelas nossas reivindicações, na exigência pela solução dos nossos problemas. Queremos a permanência do diretório eleito por nós em voto direto, sem a renúncia, forçada ou não, de quaisquer de seus membros, e a manutenção do seu direito principal e justiça de livre expressão de opinião. Queremos a anulação das suspensões, sem motivos justificáveis, e o término da repressão, com a garantia da nossa permanência aqui dentro, e do direito de reunião e de livre manifestação de pensamento. Devemos nos lembrar de**

que nem todos os nossos colegas possuem condições mínimas de segurança para entrar em nossa própria faculdade. (1968, Coleção Dulce Ludolf-NUMMUS, grifo nosso)

Esta “livre manifestação de pensamento” estava com os dias contados. Menos de dois meses depois do término da greve no Curso de Museus, no dia 13 de dezembro de 1968, o Presidente General Costa e Silva emite o Ato Institucional nº 5, o mais aviltante de todos, suspendendo todas as garantias constitucionais e institucionalizando todas as formas de arbítrio, como o fechamento do Congresso Nacional e das Assembleias Legislativas Estaduais, a censura, a cassação dos direitos políticos..., abrindo caminho para as prisões, os assassinatos, a tortura etc.

### Desdobramentos da Crise

A militância de Sonia Rosadas Thème no movimento estudantil ultrapassava a atuação no Curso de Museus, pois cerca de dez dias após os acontecimentos no Curso de Museus, ela participou de um movimento estudantil no Estado de São Paulo que seria decisivo para sua expulsão do Curso. A União Nacional dos Estudantes (UNE) havia sido desbaratada pelo Golpe Militar por meio de seu fechamento, em 02 de abril de 1964, e do incêndio de sua sede, no Rio de Janeiro. No entanto, a militância dos estudantes continuou de forma clandestina e uma grande concentração foi organizada secretamente para debater as questões políticas e sociais. Seria o 30º Congresso Nacional da UNE que, apesar de abortado, acabou se transformando na última ação estudantil antes do AI-5. O local escolhido fora a cidade de Ibiúna, no interior paulista, numa localidade rural conhecida como Sítio Murundu.

A Ditadura reagiu com uma das maiores operações policiais já mobilizadas contra os estudantes: 1000 policiais da Polícia Militar e do DOPS (Garcia, 2010: 54). A força caiu sobre os estudantes no feriado de 12 de outubro, dia reservado ao credenciamento e de uma só vez foram presos 920 estudantes, dos quais 152 mulheres entre 18 e 37 anos. Sonia Thème e sua colega Gilberta Aarão Reis estavam entre elas. Conhecidas como “As Mulheres de Ibiúna”, eram estudantes de universidades de vários estados de norte a sul do país. Na listagem feita pelo DOPS com foto e identificação de cada uma Sonia aparece como aluna do Curso de Ciências Sociais<sup>22</sup> da UFRJ e não como aluna do Curso de Museus.

Após quatro dias presos em Ibiúna, os estudantes começaram a ser remanejados aos seus estados. No dia 16 de outubro, os 110 estudantes cariocas, em duas levadas, chegaram ao Rio de Janeiro em aviões da Força Aérea Brasileira: “desembarcaram no aeroporto do Galeão, sofrendo ameaças e passando por um corredor polonês” (*Correio da Manhã*, 1968: 1). As 21 estudantes, entre as quais Sonia Thème e Gilberta Reis, ficaram detidas no antigo Depósito de Presas São Judas Tadeu, na Polícia Central, na Rua da Relação. As famílias denunciaram a “guerra psicológica que estava sendo movida contra elas” (*Correio da Manhã*, 1968: 1) e deram entrada no Supremo Tribunal Militar com pedidos de *habeas-corpus*<sup>23</sup> em favor de 62 estudantes, entre os quais Sonia e Gilberta.

22 Não conseguimos esclarecer se foi um equívoco ou se ela estava matriculada também na UFRJ. É provável, pois seu nome aparece numa listagem de alunos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS).

23 O Ato Institucional n.º 5 (AI-5) suspendeu também o *habeas-corpus* por questões políticas.

Quanto a Janet Chermont Guimarães, sua atuação política se deu mais no trabalho como atriz. O trancamento do Curso de Museus em 1966, provavelmente decorreu de sua vinculação a um grupo teatral, o Teatro Universitário Nacional (TUN), formado por jovens estreatantes, na maioria estudantes de Belas Artes, Filosofia e Medicina, que arcavam com as próprias despesas das montagens em decorrência das dificuldades de patrocínio. No TUN, Janet Chermont (seu nome artístico) integrou-se ao elenco da peça *Capitães de Areia*, adaptada da obra de Jorge Amado por Francis Palmeira, com cenário do artista plástico Raimundo Colares. Ela interpretou a personagem Dora e a estreia ocorreu no Teatro Serrador, em outubro (*Correio da Manhã*, 1º Caderno, 1966: 7). Data desta época, sua primeira experiência com a repressão, uma vez que ainda durante os ensaios, militares do Exército, a mando do DOPS, prenderam os atores e os interrogaram durante um dia inteiro alegando que a peça tinha temática comunista e pensamentos subversivos, porque o autor, Jorge Amado, era comunista assumido. Ao final foram liberados, mas vigiados durante meses (Dantas, 2004).

O próximo trabalho de Janet Chermont iria de fato comprometê-la, pois se tratava de um filme com forte teor de denúncia política, o média-metragem *Manhã Cinzenta*, do escritor e cineasta baiano Olney São Paulo, sintonizado com o cinema experimental e marginal do final dos anos 60. Janet foi apresentada a Olney pelo diretor Emmanoel Cavalcanti (Calbo, 2008) e ele a convidou para fazer o papel da estudante Alda. A sinopse de *Manhã Cinzenta*<sup>24</sup> é bastante reveladora do misto de ficção e realidade que marcou o cinema libertário de Olney São Paulo: casal de estudantes segue para passeata promovida por trabalhadores e movimentos estudantis; o rapaz, militante, lidera as manifestações; os dois são presos e torturados; no fim, enfrentam interrogatório surreal, conduzido por um robô e um cérebro eletrônico, figuras alegóricas associadas a regimes totalitários (Freitas, 2015: 201). Na verdade, uma metáfora denunciando o que estava acontecendo no Brasil.

As gravações de *Manhã Cinzenta* foram realizadas exatamente no ano em que o Rio de Janeiro foi cenário de intensas manifestações contra a Ditadura e Olney São Paulo utilizou imagens reais, registradas por ele, sobretudo dos protestos por ocasião do assassinato, pela Polícia Militar, do estudante Edson Luíz e da Passeata dos Cem Mil.

Neste mesmo ano, em que protagonizava a estudante Alda, Janet Chermont vivenciara a perseguição no Curso de Museus, materializando, ao contrário, a conhecida máxima de Aristóteles de que “a arte imita a vida”. Depois deste trabalho, certamente ela passou a ser mais visada pelo DOPS, pois o filme, concluído em 1969, acabou não sendo exibido comercialmente no Brasil por ter sido proibido pelo Serviço de Censura. Olney São Paulo foi preso, torturado e respondeu a inquérito por vários anos, acabando por falecer vítima dos maus tratos. Cópias do filme foram salvas por ele e enviadas ao exterior sendo exibidas em festivais no Chile, na França, na Alemanha e na Itália.

### A título de epílogo

No ano letivo de 1969, Sonia Rosadas Thème e Janet Chermont Guimarães deveriam se matricular no 2º ano, oportunidade em que as duas estariam juntas em uma mesma turma, no entanto, isto não se concretizou. Léo Fonseca e Silva estava decidido a impedir que elas voltassem ao Curso, agora, com mais

24 *Manhã Cinzenta*, 1969. Direção: Olney São Paulo. Disponível em: <https://youtu.be/b6X65a16nxA>.

elementos sobre a atuação política de ambas. Inicialmente, ele instalou uma comissão com duas docentes, Neusa Fernandes, de História do Brasil e Fernanda Moro, de Arqueologia. Segundo depoimento informal de Fernandes, foi feita uma análise de toda a documentação apresentada, mas a apreciação que encaminharam ao diretor, para seu parecer conclusivo, não reconhecia atividade de subversão na atuação das duas alunas no Curso. Na sequência, Silva convocou uma reunião com todos os docentes, denominada por ele de Inquérito Escolar. Segundo reminiscências de Ecylla Castanheira Brandão, então professora de História da Pintura, foi uma reunião extremamente tensa, uma “verdadeira inquisição”. Ao final, argumentando a Lei 4.464, e agora, respaldado pelo AI-5 que não admitia nenhum tipo de manifestação política, o diretor defendeu um parecer final no sentido da expulsão, acabando por obter a anuência dos professores. Nas Fichas de Matrícula das duas alunas foi escrito à máquina, em caracteres vermelhos, e rubricados pela secretária, Célia Valle Teixeira da Cunha: **“Desligada do Curso de Museus, de acôrdo com o Inquérito Escolar instituído p/ Memorandum nº 2, de 22/1/69, do Sr. Diretor do MHN, com o fim de apurar a prática de subversão e incitamento à desordem por parte da aluna à cima (sic) mencionada.”** (MHN, Fichas de Matrícula, 1964 e 1968, grifo nosso).

Leo Fonseca e Silva ficou por pouco mais de um ano como diretor do MHN. O episódio da suspensão-expulsão das alunas e o embate com o D.A, certamente ofuscaram as iniciativas positivas relativas ao Museu e ao Curso. Estes episódios acabaram contribuindo para o desgaste com professores e alunos. Em 1970, diante das dificuldades de manutenção do MHN, Silva determinou o fechamento, ao público, das galerias de exposição. Este fato repercutiu imediatamente e ele foi sumariamente demitido do cargo pelo então Ministro da Educação Jarbas Passarinho. Os mesmos mecanismos sumários do Regime Militar que o haviam alçado à Direção, agora o destituíam, ou seja, sem possibilidade de diálogo ou de explicação sobre as razões que o haviam levado a fechar o Museu.

EXAME VESTIBULAR		
DISCIPLINAS	NOTAS OBTIDAS	CLASSIFICAÇÃO
História do Brasil		
História Geral		
Geografia		
Francês		
Inglês		
Italiano		
Alemão		

RECEBI, EM DEVOLUÇÃO, OS SEGUINTES DOCUMENTOS

Obs.: Desligada do Curso de Museus, de acôrdo com o Inquérito Escolar instituído p/ Memorandum nº2, de 22/1/69, do Sr. Diretor do MHN, com o fim de apurar a prática de subversão e incitamento à desordem por parte da aluna à cima mencionada.

( Ver Of. nº221/69 )  
do Diretor do MHN

A N O T A Ç Õ E S  
(Para uso e a cargo da repartição)

SR. COORDENADOR

10/64  
N.º MATRÍCULA

6.º lugar entre 22 aprovados.

M. Geral - [redacted]

INQUÉRITO ESCOLAR - CÉLIA VALLE TEIXEIRA DA CUNHA



Fig. 4 – Ficha de Matrícula de Janet Chermont Guimarães (Acervo NUMMUS). Detalhe da observação que trata do desligamento da estudante.

EXAME VESTIBULAR

DISCIPLINAS	NOTAS OBTIDAS	CLASSIFICAÇÃO
História do Brasil		
História Geral		
Geografia		
Francês		
Inglês		
Italiano		
Alemão		

Entre 129. candidatos.

13º lugar

RECEBI, EM DEVOÇÃO, OS SEGUINTE DOCUMENTOS

Obs.: Desligada do Curso de Museus, de acordo com o Inquérito Escolar instituído p/Memorandum nº1 de 22/1/1969, do Sr. Diretor do MHN, com o fim de apurar a prática de subversão e incitamento à desordem por parte da aluna acima mencionada.

( Ver Of. nº221/69 )  
do Diretor do MHN

ANOTAÇÕES  
(Para uso e a cargo da repartição)

SR. COORDENADOR *Opusente requerimento e os documentos que o instruem satisfazem as exigências do Regulamento do Curso de Museus*

N.º MATRÍCULA 48

Fig. 5 – Ficha de Matrícula de Sonia Rosadas Thème (Acervo NUMMUS). Detalhe da observação que trata do desligamento da estudante.

## Conclusão

A transição das décadas de 1960-1970 foi um marco das transformações na área da Museologia. As reverberações dos movimentos de Contracultura afetaram diretamente o modelo tradicional de museu acionando discussões conceituais que vão ser fundamentais para o desenvolvimento da Museologia como campo de conhecimento. Por sua essência política e social, o museu não pode ficar imune aos cenários políticos e às tergiversações entre momentos reacionários e democráticos. Esta mesma essência o conduz a sintonizar-se às conquistas democráticas, naturalmente associadas à defesa dos direitos do homem no sentido de respeito à diversidade humana.

A ascensão de Leo Fonseca e Silva à direção do MHN sinaliza um importante momento para a Museologia no Brasil, na medida em que correspondeu a um marco divisor entre a antiga Museologia barroceana e as novas concepções que despontavam na transição das décadas de 1960-1970. O país entrava em um regime de exceção com o Golpe Civil-Militar de 1964 e o cerceamento de todas as liberdades de expressão. Um contexto favorável a todo tipo de autoritarismo, inclusive em instituições de Comunicação e Educação, como o MHN e o Curso de Museus. Entretanto, foi um exercício importante para professores e alunos na medida e que o cenário internacional passava por mudanças profundas que ocasionaram uma tomada de consciência do campo da Museologia provocando, conseqüentemente, um significativo processo de ressignificação. No Curso de Museus, este processo iniciou-se quando Silva acionou a primeira reformulação curricular concentrada efetivamente nas transformações conceituais, constituindo a tônica das discussões curriculares que vão perdurar por toda a década.

O espírito empreendedor e visionário de Léo Fonseca e Silva levou-o a ações pioneiras, como a criação de uma associação de amigos no Museu Histórico Nacional e a promoção de exposições itinerantes em instituições não museais, como agências bancárias, galerias de arte e centros comerciais. E ainda na proposta de 'sucursais' do MHN em outras cidades, como foi realizado em Nova Friburgo. Outro ponto bastante positivo de Silva refere-se ao apoio dado por ele aos museólogos jovens e recém-formados, pois não era comum na sua época quando havia certa desconfiança com os profissionais que tinham pouca vivência na área. Contraditoriamente, esta sua relação com os jovens foi o ponto mais polêmico de sua atuação do Curso de Museus, na medida em que

ele não demonstrou sensibilidade suficiente para perceber as mudanças radicais que vinham se operando desde a década de 60 no sentido de um perfil totalmente diferente.

Os ingressantes do Curso de Museus de 67, 68 e 69 indicam um perfil de aluno predominantemente jovem e, sobretudo, politizado e sintonizado às questões internacionais dos movimentos de Contracultura e às questões nacionais suscitadas pela Ditadura Militar. Um jovem comprometido com as questões políticas e sociais de seu tempo e, mais do que isto, um jovem consciente que busca seus direitos, na verdade, que luta e defende os direitos humanos em uma perspectiva altruísta. Estas transformações estavam na ordem do dia com os movimentos de Contracultura que questionavam todas as atitudes reacionárias e clamavam por uma nova ordem política, social, econômica e cultural. Neste contexto não havia espaço para intolerância e autoritarismos.

Talvez possamos reconhecer em Leo Fonseca e Silva a ambivalência de dois mundos: um mundo tradicionalista que estava se tornando passado nesta transição das décadas de 60 e 70 e um novo mundo que despontava e sinalizava mudanças radicais em termos de mentalidade e comportamento. Um mundo fundamentado em uma visão humanística e democrática contra todas as formas de preconceito e repressão. No Brasil, este momento de transição coincidiu com um dos mais tristes de nossa história, quando a Ditadura Civil Militar estabeleceu um regime de recessão que cerceou e reprimiu barbaramente o direito à democracia. Não podemos perder de vista o fato de que Leo Fonseca e Silva era militar e dirigiu o MHN e o Curso de Museus neste contexto político que oportunizou atitudes francamente autocráticas e repressivas. O episódio ocorrido com os estudantes entre setembro e outubro de 1968, demonstra todo este clima e também as contradições inerentes a ele.

Por outro lado, temos que contrapor a este momento de repressão o desenvolvimento de um 'poder' jovem fundamentado exatamente na oposição ao sistema e a todas as suas formas de arbítrio. Um poder transgressor que não transige com conformismos e exige mudanças. Foi este novo jovem que mudou o Mundo, a Museologia e o Curso de Museus. O jovem estudante do Curso de Museus nos idos de 1968, com seus questionamentos e reivindicações, é um verdadeiro microcosmos da situação real do Brasil e do mundo. É um jovem muito mais consciente e com capacidade de reflexão e crítica muito mais aguçada do que os jovens das décadas de 30, 40 e 50. Esta capacidade de pensar e reagir foi fundamental para as transformações da própria Museologia como campo de conhecimento. Os ideais jovens desempenharam um papel fundamental na medida em que a Nova Museologia que despontava defendia conceitos e metodologias que convergiam para estes mesmos ideais inspirados pelo comprometimento social.

Assim, podemos afirmar que os jovens tiveram atuação estrutural nas transformações da visão tradicional de Museu para a construção da Museologia como campo disciplinar. Os ideais de liberdade, democracia e respeito estão presentes nas propostas do Museu Integral (1972) e nas pautas de todas as reivindicações dos movimentos jovens da época. Foi um momento de construção, mas também de tensões, embates, lutas e sacrifícios. Sonia Rosadas Thème e Janet Chermont Guimarães exemplificam bem a cota de sacrifício infligida a milhares de jovens no contexto da Ditadura no Brasil. Hoje, poderiam ser projectas museólogas prestes a se aposentar depois de três ou quatro décadas de exercício profissional. Entretanto, a interrupção e destruição de seus sonhos no Curso de Museus não foi em vão. A corajosa atuação delas, de seus colegas do

Diretório Acadêmico e de muitos outros estudantes do período de repressão, da Museologia e de outras áreas, nos legou um exemplo de resistência e de luta que tem sido um estímulo para todo o campo, não só na Academia, mas na atividade profissional. O campo da Museologia é um locus político e social de reflexão e diálogo da sociedade. Esta conquista foi resultado de um processo, ainda em construção, que necessita ser sempre retroalimentado. Sonia Rosadas Thème e Janet Chermont Guimarães nos legaram uma história e uma memória que deve ser sempre avivada como símbolo de resiliência face a todas as pressões, descasos, desmontes e perseguições pelas quais a Museologia passa no Brasil em decorrência da descontinuidade das políticas públicas.

## Referências

- ALVES, Helio de Mattos. *Olhar do Campus: A repressão aos estudantes da UFRJ durante a Ditadura Militar*. Disponível em: <https://olhandocampus.wordpress.com/2019/03/31/a-repressao-aos-estudantes-da-ufrij-durante-a-ditadura-militar/>. Acesso em: 27 set. 2019.
- BRASIL. Decreto nº 58.800, de 13 de julho 1966. *Diário Oficial da União*. 18 jul. 1966. Seção 1, p. 7931.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 228, de 28 de fevereiro de 1967. *Diário Oficial da União*. 9 mar. 1967. Seção 1, p. 2422.
- BRASIL. Lei nº 4.464, de 9 de novembro de 1964. *Diário Oficial da União*. 11 de nov. 1964. Seção 1, p. 10169.
- CALBO, Ilza. A morte e a morte de Olney São Paulo. *Recanto das Letras*, 09 jul. 2008. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1072386>. Acesso em: 27 set. 2019.
- CORREIO da Manhã. *Aviões da FAB trazem de São Paulo mais 104 presos*. Rio de Janeiro, 17 out. 1968, p. 1.
- CORREIO da Manhã. *DOPS prende dois alunos no Museu*. Rio de Janeiro, 1 out. 1968.
- CORREIO da Manhã. *Subversão é tema final da VIII CEA*. Rio de Janeiro, 28 set. 1968.
- CORREIO da Manhã. *STM vê habeas para 62*. Rio de Janeiro, 17 out. 1968, p. 1.
- CORREIO da Manhã. *Teen-Age*. Rio de Janeiro, 18 nov. 1962. Caderno 2, p. 4.
- DANTAS, Ana Rachel. *40 anos após o Golpe: O Teatro à frente da resistência*. In: Consciência.Net, 2004. Disponível em: <http://consciencia.net/2004/mes/11/anarachel-teatrogolpe.html>. Acesso em: 27 set. 2019.
- FREITAS, Camila Albrecht. *Manhã cinzenta e o cinema libertário de Olney São Paulo*. São Paulo. Orson, 18 dez. 2015. p. 197-207. Disponível em: [https://www.academia.edu/20440850/Manh%C3%A3\\_Cinzenta\\_e\\_o\\_cinema\\_libert%C3%A1rio\\_de\\_Olney\\_S%C3%A3o\\_Paulo](https://www.academia.edu/20440850/Manh%C3%A3_Cinzenta_e_o_cinema_libert%C3%A1rio_de_Olney_S%C3%A3o_Paulo). Acesso em: 27 set. 2019.
- GARCIA, Priscila Fernanda da Costa. *As meninas de Ibiúna, militantes e oprimidas: mulheres e esquerda no congresso estudantil de 1968*. *Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*, Londrina: GEPAL, 2010, p. 54-62.
- GUIMARÃES, Reginaldo; PITA, Edwaldo; MERHLING, Walter; MACHADO, Artur. *Nova Pesquisa-Museologia*. n.º. 1, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1971.
- JORNAL [?]. *Greve na Museologia é suspensa*. [6 out. 1968]. Col. Dulce Ludolf/ NUMMUS.
- JORNAL do Brasil. *Comandante Leo ajuda polícia a agredir alunas*. 29 set. 1968, Caderno 1, p. 32.

- JORNAL dos Sports. *Crise na Museologia já deu uma demissão*. 4 out. 1968.
- JORNAL do Brasil. *Lance-livre*. 28 set. 1968.
- JORNAL do Brasil. *Policiais prendem 2 estudantes diante do Museu Nacional*. 1 set. 1968.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL/CURSO DE MUSEUS. Estatuto do Diretório Acadêmico Gustavo Barroso. Original datilografado. De acordo com o Decreto nº58.800, de 13 de julho de 1966. Rio de Janeiro, 1 set. 1971. 11 p.
- O GLOBO. *Diretor desmente agressão a estudante de museologia*. 30 set. 1968.
- QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. *A memória institucional e os impactos da repressão da UFRJ (1964-985)*. Disponível em: [https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529704709\\_ARQUIVO\\_TextoANPUH-RIO-Andrea-Queiroz.pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529704709_ARQUIVO_TextoANPUH-RIO-Andrea-Queiroz.pdf). Acesso em: 27 set. 2019.
- SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus-MHN, 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.
- ÚLTIMA Hora. *Museologia em greve*. 28 set. 1968.

Recebido em 01 de agosto de 2019  
Aprovado em 30 de setembro de 2019